

Faces de Emily Dickinson

Este número de *Fragmentos* é dedicado a uma das poetisas mais inovadoras e elusivas da literatura mundial. De forma autônoma, praticou solitariamente a revolução poética que aconteceria com estardalhaço no final do século XIX com Baudelaire, Rimbaud e Mallarmé e no século XX com Pound e os modernistas e vanguardistas de vários países. A admiração e o fascínio que sua obra e pessoa provocam são universais e muito intensos no Brasil, onde têm agradado a todas as correntes estéticas, de Manuel Bandeira a Augusto de Campos. Poucos poetas despertam tanto entusiasmo no público e na crítica, sejam eles colegas de verso, acadêmicos ou leitores em geral.

O presente volume reflete a diversidade de interesses existenciais, temáticos e formais que a poesia dickinsoniana suscita. Várias faces da obra e da vida da poeta de Amherst são analisadas aqui, em português e inglês, e a partir de um amplo leque de enfoques.

Genilda Azerêdo abre o número analisando um poema, com ênfase no uso da metáfora a partir de um pressuposto de Paul Ricoeur, o do entrecruzamento de linguagem, cognição e sentimento. Esse pressuposto permite a Genilda explicar a aparente contradição entre isolamento e intensidade criativa. Genilda mostra, em detalhe, a vasta gama de recursos usados por Emily em apenas alguns versos, entre eles a justaposição do concreto e do abstrato, criando uma contaminação de sentidos e encapsulando em poucas palavras todo um mundo de sentimentos e sensações visuais. Genilda chama a atenção para as escolhas lexicais expressivas, sobretudo de epítetos inesperados, e o sutil uso das formas gramaticais para o deslocamento semântico, que resultam na intensificação do verso e das imagens.

Paulo Henriques Britto, poeta e tradutor de longa experiência, vem renovando os estudos de tradução poética. Paulo é, de fato, um dos poucos pesquisadores atuais de prosódia comparada no par inglês-português e de prosódia comparada em geral. Neste artigo, ele aplica a poemas traduzidos de Emily Dickinson o que já fizera com êxito com Shakespeare e Donne em tradução brasileira. Aqui ele trata a delicada questão da tradução do metro da balada inglesa para o português, que não possui algo similar em seu repertório de formas poéticas. Britto assinala, ademais, uma dificuldade suplementar: o fato de uma poesia sofisticada e sutil como a de Emily Dickinson ser expressada em uma forma popular por excelência, como a balada. À dificuldade normal

da tradução da balada se acresce a tradução da balada à Emily Dickinson, marcada por licenças e assimetrias várias.

Carlos Daghljan, provavelmente o pesquisador que mais fez pela boa fortuna dickinsoniana entre nós, aborda a questão da auto-ironia, que, em seu entender, constitui um traço fundamental de Emily Dickinson. Para Daghljan, a auto-ironia tem a ver tanto com sua condição de mulher oprimida dentro de uma sociedade patriarcal como com sua condição humana e de poeta frente à precariedade da língua como instrumento poético. Segundo ele, a ironia dickinsoniana, próxima à ironia romântica, perpassa todo o seu projeto poético, partindo da auto-ironia, passando pela heteroironia e desembocando na ironia ontológica. Para ilustrar seu argumento, Daghljan ecumenicamente reproduz poemas traduzidos pelos principais tradutores de Emily no Brasil, começando por ele próprio, passando por Jorge de Sena, Paulo Vizioli, Aíla de Oliveira Gomes, Olívia Krähenbühl e chegando a Manuel Bandeira, Augusto de Campos e José Lira. Assim, seu artigo tem embutida uma rica microantologia dickinsoniana em português. Daghljan destaca a complexidade da arte poética e sua combinação de procedimentos tomados tanto à poesia como ao conto humorístico e fantástico. Não passará despercebido ao leitor que Daghljan é um dos maiores conhecedores da crítica dickinsoniana, com que dialoga continuamente em seu texto.

Alcina Brasileiro Hall vê a figura e a obra de Emily Dickinson sob um prisma feminista. Para ela, Emily desafiou os padrões patriarcais de seu tempo e sua poesia se afasta da convencional poesia feminina da época, o que explicaria também a tão discutida decisão de não publicar os poemas em vida. Alcina compara a autonomia de Emily à das romancistas inglesas Jane Austen e Emily Brontë e interpreta vários poemas como protestos velados contra a brutalidade masculina.

Marli Hazin destaca também o inconformismo de Emily Dickinson, que ela aproxima das atitudes preconizadas por Emerson e os transcendentalistas. Longe de se adequar ao auto-apagamento imposto às mulheres da época, Emily usará a poesia para afirmar sua irreverência e auto-confiança. Para Hazin é a autonomia, realizada dentro de um “isolamento disciplinado”, que garante um lugar à parte para a poeta, que não cessa de surpreender seus leitores.

José Lira, um de nossos melhores conhecedores de métrica e da poesia de Emily Dickinson, acredita que alguns poemas desta, tomados com certa flexibilidade, poderiam ser considerados sonetos. Percorrendo os meandros da editoração dos manuscritos de Emily, a teoria e a história do soneto, e usando múltiplos exemplos de poetas de diferentes

épocas, Lira discute pormenorizadamente os textos dickinsonianos candidatos a sonetos, deixando ao leitor a palavra final.

Valendo-se de um conceito de Gaston Bachelard, Maria Lúcia Milléo Martins analisa a famosa reclusão de Emily Dickinson não como limitação mas como um modo eficaz de exercer a liberdade da imaginação e superar as limitações de tempo e espaço, florescendo em uma “imensidão íntima” através da imaginação e da arte poética.

George Monteiro conta, em seu artigo, a experiência que teve ao ensinar Emily Dickinson na USP, na graduação e na pós-graduação. A partir dessa experiência, chegou a uma leitura pessoal sobre a presença do Brasil na poesia de Emily, logo exposta em artigos para periódicos. Esses artigos provocaram uma curiosa reação da especialista Rebecca Patterson, que tinha tido conhecimento apenas indireto deles. Monteiro recorda a fortuna de Emily no Brasil, fazendo uma pequena história de sua presença entre nós, que surpreenderá a mais de um leitor, tanto essa presença tem sido forte, ampla e persistente. Monteiro examina uma série de traduções brasileiras que ele pôde testar em sala de aula, com destaque para as traduções de Manuel Bandeira e conta, de modo muito vívido, os desacordos interpretativos com Patterson que motivaram uma troca de cartas entre os dois pesquisadores.

Sigrid Renaux compara dois poemas escritos quando Emily Dickinson tinha 25 anos: “Presentiment - is that long Shadow - on the Lawn -” e “The Heart asks Pleasure - first -”, que parecem pertencer a épocas de vida muito diferentes. Valendo-se de uma distinção usada por Todorov, derivada de Novalis, entre heróis e poetas, Sigrid esmiúça os dois poemas, desvelando as duas diferentes, e complementares, personae da poeta. Lembrando sua complexidade intelectual e seu anticonvencionalismo, realiza uma atenta leitura dos dois poemas, sublinhando a dupla incorporação poética do caminho da experiência e do caminho da contemplação interior.

Solange Ribeiro de Oliveira, finalmente, aborda um tema pouco usual: o da representação de Emily Dickinson em novos suportes, em especial em cartuns disponíveis na internet. O exame desse heterogêneo, e curioso, material *online* lhe permite fazer uma breve evocação das imagens da poesia dickinsoniana e suas semelhanças com a imagética de William Blake, pela junção de simplicidade e complexidade.

Para além do variado enfoque e nível de detalhamento, o leitor adivinhará um tom de comunhão poética que atravessa todos os textos.

Walter Carlos Costa